

Naomi

LUZIA GOMES FERREIRA

intransitiva
• revista

MEMÓRIAS QUE NOS ATRAVESSAM (V. 4, N. 2, 2020)

Naomi

Luzia Gomes Ferreira

Naomi Ashanti é uma mulher intensa, todas as suas ações estão de acordo com seus sentimentos. Para ela não existe a separação entre razão e emoção. Toda vez que lê isso em algum livro de intelectual branco europeu, ela sorri de raiva, porque até hoje não conseguiu entender como é possível acreditar que os afetos podem estar separados da racionalidade. Mas Naomi, apesar de toda sua determinação, sente medos que muitas vezes não compartilha nem no divã; tem um pavor avassalador de tudo que não é chão sólido, que não é matéria terrena na qual seus pés fiquem seguros. Por isso, ao viajar de avião, toma calmantes para não ter ataques súbitos nas alturas. Acha o máximo colecionar carimbos em seu passaporte!

Em 2016 resolveu conhecer Barcelona, cidade que sempre a fascinou em suas aulas na Escola de Arquitetura, em que estudou o trabalho de Antoni Gaudí – musealizou no seu museu interior as obras do arquiteto catalão. Naomi sempre questionou o eurocentrismo na História da Arquitetura em sala de aula, mas, por outro lado, nunca deixou de se encantar com o que é belo ao seu olhar. Ficou impactada com o conjunto arquitetônico do centro de Barcelona, porém a sua pele de ébano sobressaía entre as paisagens corporais catalães, fazendo-a vivenciar situações de repulsa, racismo e xenofobia. Apesar de saber teoricamente como se defender em episódios racistas, o racismo sentido no corpo muitas vezes é de uma violência paralisante. A sua tão sonhada viagem a Catalunha foi tomando um gosto amargo e um tom cinza. Tinha viajado para passar um mês e, na metade da viagem, já queria voltar para casa, ora, o seu reduto de acolhimento e segurança. Em meio à viagem, Naomi Ashanti recebeu um e-mail da sua amiga romena Clarice. Na mensagem, ela dizia:

Oi, Naomi.

Meu amigo Pedro Simões acabou de chegar à Barcelona, ficará lá por três dias e depois partirá para a Arábia Saudita. Ele trabalha lá como arquiteto. Bem que vocês poderiam se encontrar e passear por Barcelona juntos. Segue o número dele: (+351) 916 126 231.

Naomi, querendo companhia, não aguentava mais caminhar solitariamente por aquela cidade, a viagem estava sendo uma frustração com todas as situações vexatórias que estava vivenciando. Então, ela anotou o número de Pedro Simões, que estava no e-mail, e telefonou para ele. Os dois combinaram de se encontrar às 15h00 do mesmo dia, na frente da casa do Gaudí, no Passeig de Gràcia. Descreveram as roupas que estariam e o encontro se deu sem muitas confusões, apesar da horda de turistas em frente à fachada fotografando. Saíram caminhando até Las Ramblas, falaram muitas coisas de si, sobre os seus trabalhos na arquitetura, sobre o mundo e as gentes do mundo. Pedro Simões, filho de portugueses, criado entre São Paulo e Lisboa, tinha um sotaque tão misturado que ela não definia se era de paulistano ou lisboeta. Mas gostou do sorriso dele, ficando à vontade para sorrir também – seu sorriso rasgado e escrachado. Pararam num café no meio de Las Ramblas e beberam cava, sangria, vinho tinto e vinho branco.

Os dois decidiram sair caminhando sem roteiros definidos na cidade turística e sem medo de se perderem. Nesse trajeto indirecionado, depararam-se com o porto mediterrâneo. Aquelas águas azuis aparentemente calmas e inofensivas com a sua ponte belamente projetada causou desconforto a Naomi Ashanti. Ela olhou para o lado e visualizou a vela iluminada de um barco se movendo, desenhando o vento em sua estrutura de ferro e madeira. Sentiu um pânico inexplicável, um medo infantil, que talvez só as crianças entendam (ela sabia que as crianças ultrapassam a logicidade das explicações cômodas das pessoas ditas adultas e atuam no campo das suas sensações intrínsecas). Tinha certeza que não conseguiria atravessar aquela ponte, tamanho era o medo que lhe assolava, um medo íntimo que

ecoava por todo o seu corpo. Pedro tentou acalmá-la, talvez, achando-a ridícula por aquele temor sem fundamentos racionais. Naomi Ashanti decidiu que pegaria o metrô para regressar ao hotel, mas Pedro Simões a olhou fraternalmente e disse que atravessaria a ponte com ela, pois a vista do outro lado deveria ser muito bonita. Naomi Ashanti, já aos prantos, sem saber explicar aquele choro compulsivo que nem ela mesma entendia, aceitou o desafio de atravessar a ponte movente. Totalmente insegura de si, seguiu com passos acelerados para cruzar a ponte e, na metade do caminho, começou a tremer! Pedro Simões segurou sua mão, de maneira tímida, mas segura. No primeiro momento, ela soltou rispidamente, mas o seu medo era tanto que logo procurou as mãos de Pedro novamente e a segurou com toda força.

Naqueles minutos de travessia, que pareciam seculares enquanto cruzavam a ponte, Naomi Ashanti pensava: – Devem existir muitas pessoas como eu, que, às vezes, precisam apenas de uma mão que afague, uma mão que acalente, uma mão que conduza, uma mão que acaricie, uma mão que encoraje, uma mão que toque, uma mão que segure fortemente com leveza e delicadeza. Ao chegar do outro lado da ponte, Naomi Ashanti abraçou Pedro Simões e lhe disse: – Obrigada. Sentaram na areia da praia e, em silêncio, contemplaram a beleza das águas azuis mediterrâneas atravessadas por um reluzente pôr do sol.

Sobre a autora

É água corrente entre rocha rasgada, baiana que mora e atua em Belém do Pará desde 2009; poeta; feminista negra; docente do curso de Museologia da Universidade Federal do Pará – UFPA. Em 2017, na cidade de Lisboa – PT, lançou seu primeiro livro de poemas, intitulado *Etnografias Uterinas de Mim*. Vive a vida mergulhada na lama da Nanã, habitante do seu Orí; mira o mundo através do Abebé D’Oxum, reinante em seu corpo; segue embalada pelo mar materno de Yemanjá, atravessando ventanias e calmarias.